

Índice

Prefácio: Annemarie Schwarzenbach e a Sua África	11
DE LISBOA PARA O CONGO	
A uma hora do Funchal (<i>Eine Stunde vor Funchal</i>)	27
Funchal (<i>Funchal</i>)	30
Entre os continentes (<i>Zwischen den Kontinenten</i>)	34
Equador (<i>Äquator</i>)	38
Diário de bordo (<i>Schiffs-Tagebuch</i>)	42
São Tomé, a ilha no Equador (<i>San Thomé, die Insel am Äquator</i>)	63
CONGO	
Algures na África Ocidental Francesa (<i>Irgendwo in Französisch Westafrika</i>)	71
Como um dia de outubro na nossa terra (<i>Wie bei uns ein Oktobertag...</i>)	75
As derrotas (<i>Die Niederlagen</i>)	80
Encontro com a selva (<i>Begegnung mit dem Dschungel</i>)	85
Pequeno diário do Congo (<i>Kleines Kongo-Tagebuch</i>)	91
A cratera dos animais (<i>Der Krater der Tiere</i>)	109

O REGRESSO	
Um navio vindo de África (<i>Ein Schiff aus Afrika</i>)	113
Entre África e a Europa (<i>Zwischen Afrika und Europa</i>)	117
APONTAMENTOS DE VIAGEM (<i>Reise-Notizen</i>)	123
AO DEIXAR ÁFRICA (<i>Beim Verlassen Afrikas</i>)	143
MARROCOS	
Voo para Marrocos (<i>Flug nach Marokko</i>)	195
Uma noite de luar em Chellah (<i>Eine Mondnacht in der Chella</i>)	200
Tempo das colheitas em Marrocos (<i>Marokkische Erntezeit</i>)	205
A cidade das nascentes e dos ventos (<i>Die Stadt der Quellen und Winde</i>)	210
Vista sobre as montanhas (<i>Der Blick auf die Berge</i>)	214
A hora dourada (<i>Die goldene Stunde</i>)	218
Notas de Tradução	225

De Lisboa para o Congo

A uma hora do Funchal

Hoje cedo, pelas seis da manhã, o nosso barco cruzou-se com um submarino que, pequeno e cinzento, tal corpo estranho teimosamente cortando as ondas iluminadas pelo sol matutino, deslizou à nossa beira sem nos saudar, voltando a desaparecer passados poucos minutos. A maior parte dos passageiros ainda dormia, só as crianças em rebuliço despreocupado se faziam já ouvir nos camarotes — e de crianças está o barco repleto: pequenos portugueses, belgas e holandeses. Muitos deles vão apenas acompanhados pelas mães, os pais estão algures na guerra ou foram aprisionados. Uma jovem belga contou-me que tinha esperado cinco meses em Lisboa pelo visto inglês para ir ter com o marido, que fora evacuado de Dunquerque e se encontrava num regimento belga em Inglaterra. Agora resolvera aceitar um lugar de advogada no Congo, para poder cuidar do filhito de três anos. Uma outra mulher viaja com os três filhos louros e um padre para um qualquer sítio em África, porque não quer regressar à sua terra, nesta altura ocupada pelo inimigo. Uma inglesa viaja completamente só: o filho mais novo, aviador, morrera em combate; outros dois estão em Londres alistados na RAF. Antes, vivia tranquila no Sul de França, agora ainda não sabe em que porto da costa ocidental africana irá

desembarcar. É claro que, no nosso barco, os homens estão em maior número do que as mulheres. Ninguém faz viagens de lazer hoje em dia e, a bordo, dificilmente se encontrarão aventureiros, mas, quando se escuta a história de cada passageiro, uma pessoa pergunta-se se estaremos numa nave de espectros ou se a soma destes destinos representará, porventura, um retrato fidedigno do destino que acabou de vez com a antiga vida no nosso antigo mundo europeu, familiar, civilizado e regido por regras, revogando todas as leis e reduzindo a pó todas as garantias. Há, a bordo, homens que se resignaram, e agora, de mãos vazias, sem esperança, fazem-se ao largo como aventureiros. A capitulação do seu país, a morte de um filho, a perda dos bens, a ruína do negócio fizeram-nos sucumbir e já não acreditam em nada. É preciso animá-los: “Mas tu tens saúde, és o mesmo que antes e, como as outras pessoas, vives neste barco do que comes e dormes, das conversas, encontros e ocupações, do bom ou mau clima. Mesmo quando já nada se mantém de pé neste mundo, nós ainda nos podemos manter de pé —, tal como nos acostumamos a outros usos, a outras rotinas diárias. Quando tens um inimigo que te roubou e te fez mal, há algum motivo para, só por isso, também deixares que ele seja o único a agir e somar triunfos?” Há outros homens que mataram um inimigo e, para escapar à prisão, abandonaram mulher, filhos e casa, arrancando a uma réstia minguada de vida a força para prosseguir a luta. Estes andam geralmente bem-dispostos e é-lhes indiferente o modo como vivem e o sítio onde o fazem. Até mesmo lhes é indiferente ainda não haver uma indicação precisa quanto ao destino final.

E, desde há dois dias, assim navega este navio, um pequeno vapor português sob pavilhão neutral e sobre um mar levemente agitado, afastando-se cada vez mais das fascinantes margens verdes do Tejo, da calorosa cintilação do porto de Lisboa, em

direção à costa africana. Finalmente, hoje de manhã, avistaram-se, à nossa direita, uns quantos rochedos de formas insólitas. A maioria dos passageiros não quis saber se davam pelo nome de Madeira ou Tenerife, se se tratava das ilhas Canárias ou das ilhas de Cabo Verde. Mas, seja como for, é terra! — E agora já sabemos que, daqui a uma hora, faremos escala no *Funchal*, na *Madeira*, onde há vinho e plantações de cana-de-açúcar ao lado de robustos carvalhos.

Vamos lá ficar bastante tempo, uma tarde inteira, com clima ameno, um sol magnífico e uma brisa ligeira, iremos nadar na baía, dar um passeio pelas famosas colinas, ver as famosas flores e provar os famosos vinhos licorosos — e, depois, iremos passar uma tardinha fresca na pequena cidade que, provavelmente, é encantadora. Amanhã, o vapor estará de novo ao largo e, de novo, só veremos o oceano à nossa volta. E, de novo, os passageiros se porão à espreita. Mas agora, a uma hora do *Funchal*, dizem todos: “Que dia magnífico!...”

Funchal

Na viagem de Lisboa para África, os vapores portugueses fazem escala no Funchal, na ilha da Madeira durante tempo suficiente para que os viajantes possam ir a terra e conhecer um lugar a que logo nos afeiçoamos e decerto nunca mais esqueceremos. A entrada no porto, flanqueando os pálidos e amarelados recifes que, diante da Madeira, emergem do mar escuro como silhuetas fantásticas, é monótona e, sobretudo, opressiva. Tem-se clara consciência de que se está em pleno oceano, em terra de ninguém, numa região entre continentes e entranha-se a ideia de que a Madeira possa não ter o familiar encanto europeu de Portugal, a sua terra-mãe, nem aspetos africanos, atrativos exóticos, a exuberância tropical ou a grandeza do deserto —, a ilha seria muito mais um desses postos isolados que, só por acaso, têm um nome, são habitados e dispõem de um pequeno porto e de faróis, e que, quanto ao resto, podiam estar em todo o lado e não pertencem a sítio nenhum. A minha ideia saiu reforçada quando me contaram que na Madeira há cana-de-açúcar e bananeiras, lado a lado com carvalhos nórdicos e ninguém conseguiu dizer-me que raças povoavam a ilha antes da sua descoberta pelo português João Gonçalves Zarco. — O vapor foi então deslizando ao longo das encostas verdejantes e bastan-

te íngremes da ilha principal, polvilhadas de casinhas brancas e compartimentadas em campos, hortas e pastagens. A encimá-las, nas cumeadas, viam-se renques de árvores raquíticas e, embora o mar e a costa próxima estivessem iluminados por um belo sol, aqueles cimos, de um cinzento-escuro, não tardaram a ser ocultados por um manto de névoas e nuvens, semelhante ao de um dia de tempestade na Áustria ou na Suíça.

Desta feita, a Madeira possuía agora a realidade das suas colinas íngremes, compartimentada em múltiplas frações, de aparência ainda mais diversificada devido ao jogo de sombras macias deslizando sobre o verde dos prados —, tudo isso a servir apenas de gracioso cenário à pequena cidade do Funchal cujo cerne branco, escavado em torno de uma praça e de uma catedral, se situava na baía portuária, mas se expandia em todas as direções através de jardins, casinhas pegadas a muretes de videiras, terraços recobertos de flores, igrejas conventuais e, percorrendo a cidade como veias, vielas e caminhos. Mal tínhamos desembarcado, o nosso olhar avistou a luz, roçando o inacreditável, das árvores de flores violeta, alamedas inteiras de grandes jacarandás, uma visão singular que pairava no ar da tarde, suave e doce como orquídeas, difundindo tanto calor aveludado que, daí em diante, como que saturados de violeta, os muros e o próprio empedrado das ruelas, negro e polido como metal, davam a impressão encantatória de irradiar esta cor. No Funchal, as fachadas das casas são lisas, maioritariamente brancas, têm varandas estreitas com balaustradas em ferro e belas janelas altas com portadas pintadas de verde. Os portões abertos deixam ver frescos átrios com paredes caiadas, muitas vezes revestidas de azulejos mouriscos, e a madeira castanha de largas escadarias. E, por detrás dos muros bastante altos, através de aberturas arqueadas de cunho mourisco e imponentes portões gradeados, avista-se sempre a luminosa exuberância de

flores magníficas, arbustos floridos, frutos tropicais e fúcsias, fontes e tanques cobertos de vegetação, a sombra acolhedora de jardins e pátios, a que se sobrepõem lógias, de onde o olhar, por cima de telhados, becos em escadinha, leques de bananeiras e palmeiras e socalcos de vinhedos, vagueia livremente para longe, em direção ao mar. Mar que neste fim da tarde se apresentava calmo, o intenso azul diluído no tom mais claro do céu, e dois navios de guerra, tal como o vapor com destino a África, estavam ancorados, de máquinas paradas, entre as flotilhas de pequenos barcos a remos e veleiros.

A vida na cidade não era ruidosa, havia sobretudo azáfama e jovialidade. Nas caves de um produtor de vinho, vi pipas gigantes, no interior das quais, sob a pressão do vapor, as uvas eram fermentadas e, dispostas em prateleiras, alinhavam-se centenas de garrafas de vinho da Madeira com vinte, quarenta e cem anos. Numa ruela estreita, orlada de belas casas, ouvi o canto de jovens vozes femininas, tão doce e piedoso no silêncio da amena tardinha e vi, por detrás de janelas escancaradas, uma turma de alunas conventuais. Depois, a madre superiora das Franciscanas de Santa Clara, vestida de branco, conduziu-me à igreja do convento, fundada em 1492, como segunda igreja da Madeira, pelo próprio Gonçalves Zarco que aí jaz sepultado sob uma pedra lavrada a cinzel com motivos animais e inscrições. No jardim do convento, de antiga alvenaria a desvanecer-se sob as roseiras bravas, as irmãs questionaram-me acerca da evolução da guerra. Enquanto me escutavam, vi nos seus rostos amáveis e no belo olhar luminoso da madre superiora uma tal paz, um quase júbilo reconciliado com esta vida, cujas leis descortinavam melhor do que eu, que fiquei perturbada: ouvia agora ressoar os sinos das vésperas, os arbustos floridos agitavam-se na brisa refrescante, e as irmãs, mandando para casa as alunas que ainda brincavam no jardim, prepararam-se para a

oração. E aí eu ficaria com agrado para aprender como se vive longe da Europa e do nosso mundo atormentado pelo demónio dos pesadelos e por terríveis medos.

Quando, já a noite ia alta e me encontrava de novo no vapor, três barcos, lá muito em baixo, cruzavam a água negra, cada qual com um remador e um rapazito nu, atlético e bronzeado, cujo corpo liso era iluminado por uma tocha e como que exposto e ornamentado por um ramo de flores preso à popa. Aguardando que os passageiros lhes atirassem um escudo, os remadores enalteciam os rapazinhos mergulhadores sentados em silêncio. Então, do convés mais alto do vapor, lançaram-se à água outros rapazinhos, recolhidos depois nas embarcações e enxugados com toalhas pelos amigos — e, à luz avermelhada das tochas, a pequena frota foi deslizando até ao porto. E ali estava o cais do Funchal, com as suas casas brancas e a torre da catedral iluminada como num palco. Em pano de fundo, as colinas semeadas de luzes faziam lembrar um céu estrelado. Nas margens da cidade, em curvas que suavemente se desfaziam em retas empinadas, ao centro, tornando-se, por fim, espiraladas e serpenteantes, viam-se os caminhos, assinalados por fileiras de luzes, que levavam do Funchal até às colinas. Mesmo no topo, interrompiam-se abruptamente, acabavam no ponto onde manifestamente acabava o mundo, e estas estradas, conduzindo à escuridão, pareciam convidar-nos a segui-las para além desse limite, fosse qual fosse o imenso nada que então se revelaria...

Apeguei-me a esta imagem noturna do Funchal, que em breve, à primeira hora da manhã se iria novamente animar e encher com tanto sol, vitalidade, cantos e aromas florais, vinhos e frutos, o passo dos bois, o repicar dos sinos em todas as torres!

Mas o nosso vapor já tinha dado a volta e, afastando-se do Funchal, navegava, imparável, rumo ao sul.